

BACURAU (2019) E O INSÓLITO COMO CRÍTICA SOCIAL AOS ABSURDOS DO BRASIL

Amanda de Sousa Veloso¹

Lara Lima Satler²

Resumo: *Bacurau*, escrito e dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, narra a história de um povoado invadido por um grupo de estrangeiros, cuja população precisa se proteger diante da ameaça. O longa-metragem foi lançado em 2019, num contexto de efervescência política e traça diversos diálogos com a realidade brasileira, o objetivo deste artigo é compreender como os diretores mobilizaram elementos das culturas vividas na escrita do roteiro e especificamente na construção do personagem Tony Jr, prefeito local. Para isso nos perguntamos: como o cenário sociopolítico brasileiro aparece em *Bacurau* (2019) a partir do personagem Tony Jr.? Como procedimento teórico-metodológico, a pesquisa se guia pelo Circuito de Cultura, mais especificamente os eixos da produção, texto e culturas vividas e, a partir da análise, notamos que os diretores utilizam o insólito como crítica ao contexto político vivenciado no período.

Palavras-chave: insólito; crítica social; circuito de cultura; produção; culturas vividas.

BACURAU (2019) AND THE UNUSUAL AS A SOCIAL CRITIQUE OF BRAZIL'S ABSURDITIES

Abstract: *Bacurau*, written and directed by Kleber Mendonça Filho and Juliano Dornelles, tells the story of a town invaded by a group of foreigners, whose population needs to protect itself from the threat. The film was released in 2019, in a context of political effervescence and traces several dialogues with the Brazilian reality. The objective of this article is to understand how the director's mobilized elements of the lived cultures in the writing of the script and specifically in the construction of the character Tony Jr, the local mayor. To this end, we ask ourselves: how does the Brazil's sociopolitical scenario appears in *Bacurau* (2019) through the character Tony Jr.? As a theoretical-methodological procedure, the research is guided by the Circuit of Culture, more specifically the moments of production, text and lived cultures. Based on the analysis, we note that the directors use the unusual as a critique of the political context experienced at the time.

Keywords: unusual; social criticism; circuit of culture; production; lived cultures.

Introdução

Bacurau é um longa-metragem lançado em 2019, coescrito e codirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, que narra a história de um povoado fictício - que intitula o filme - localizado no estado de Pernambuco, num Brasil de um futuro não muito distante. A população local tem sua rotina completamente mudada quando o povoado sai do mapa após a visita de um

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM/UFG). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).

² Bolsista de Produtividade em Pesquisa (PQ-2), CNPq. Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (PPGCOM/UFG).

casal de trilheiros e vários corpos são encontrados em uma fazenda próxima; eles se veem alvo de um grupo de estrangeiros com o objetivo de praticar um “jogo” de caça humana. O filme garantiu aos diretores o Prêmio do Júri no Festival de Cannes, no qual estreou internacionalmente, e outras diversas indicações e prêmios pelo Brasil e pelo mundo.

Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior que trabalhou *Bacurau* inserido no Circuito de Cultura. O circuito é um protocolo teórico-metodológico, proposto por Richard Johnson (2014), para guiar a análise de produtos culturais, como o cinema, envolvendo aspectos da produção, circulação e consumo destes produtos. O diagrama de Johnson, vinculado aos Estudos Culturais, é um modelo complexo que conta com quatro momentos e suas especificidades: 1. produção e as condições de vidas privadas e representações públicas; 2. texto e formas; 3. leituras e as condições abstrato universal e concreto particular; 4. culturas vividas e meios sociais.

No eixo da produção “reside a preocupação com a organização das formas culturais” (Escosteguy, 2008, p. 120). No segundo eixo, preocupa-se, no primeiro momento, com os mais diversos produtos culturais e é comum que estes sejam tratados como “textos”. Nas leituras temos as “práticas sociais de recepção” (Escosteguy, 2008, p. 121) – e, por fim, as culturas vividas se referem aos meios sociais nos quais os elementos culturais seguem ativos.

Conforme o autor, “cada momento depende dos outros e é indispensável para o todo. Cada um deles, entretanto, é distinto e envolve mudanças características de forma” (Johnson, 2014, p. 24). Em função desta complexidade e ao limite de espaço imposto pelo artigo, propomos um recorte nos aspectos do Circuito de Cultura que serão analisados. Assim, este artigo se concentra nos eixos de produção, texto e culturas vividas.

A questão que guia o artigo é: como o cenário sociopolítico brasileiro aparece em *Bacurau* (2019) a partir do personagem Tony Jr? Nosso objetivo é compreender como os diretores mobilizaram elementos das culturas vividas na escrita do roteiro e especificamente na construção deste personagem, interpretado por Thardelly Lima. Para isso, acionaremos o diagrama a partir dos eixos já citados, abordando relatos e entrevistas sobre o filme, registros das filmagens, cenas do filme e traçando relações com a conjuntura política da época de lançamento.

Compreendemos que o filme foi produzido e lançado diante de um contexto cultural insólito, conceito que abordaremos a seguir.

O insólito como chave de leitura da realidade

Ao buscarmos a palavra “insólito” na barra de pesquisa do *Google*, nos deparamos com dois significados principais:

1. que não é habitual; infrequente, raro, incomum, anormal.
"enfermidade i."
2. que se opõe aos usos e costumes; que é contrário às regras, à tradição.
"um estilo i." (Oxford Languages³, 2024)

³ Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt>. Acesso em: 16 out. 2024.

Também há algumas palavras semelhantes, como anômalo, anormal, atípico, extraordinário e inabitual. No cinema, podemos compreender o insólito como um (ou mais) elemento narrativo que gera estranhamento, quebra de expectativa ou como um macro-gênero⁴ que se opõe ao padrão real-naturalista, ou seja, o insólito está presente em obras com aspectos incomuns, seja a partir de uma mescla de gêneros, ou de acontecimentos dentro da narrativa, por exemplo.

Apesar de ser amplamente pesquisado no campo da literatura, de acordo com Cynthia Beatrice Costa, o insólito caminha com o cinema desde as experimentações de Georges Méliès “até as várias ondas de filmes de terror que desembocaram em uma obsessão, no século XXI, pelo que transgride, confunde, perturba” (Costa, 2023, p. 85). Devido às limitações do artigo, não abordaremos o insólito na literatura, ainda que existam muitas reverberações da literatura para o cinema. Entretanto, pontuamos esta consideração que é bastante relevante para nossa pesquisa: “Dessa maneira, o insólito tem como fundamento o mundo real e suas leis, consistindo em uma espécie de exacerbação da realidade [...]” (Zinani, 2020, p. 20).

Portanto, ao considerarmos que o insólito parte da realidade cultural como base para então exagerá-la, levando-a ao patamar do absurdo, podemos propor que o insólito em *Bacurau* aparece como uma alegoria para as culturas vividas no Brasil, que naquele contexto já eram, em alguma medida, consideradas absurdas. Foi a partir daquela conjuntura que os diretores encontraram motivação para produzir o filme – e esta proposição dialoga com a tendência do insólito como crítica social, apresentada por Costa (2023).

Mais recentemente, o uso do insólito como recurso narrativo para denunciar a injustiça real enfrentada pelas minorias vem se intensificando. [...] *Corra!* e *O que ficou para trás* possuem elementos sobrenaturais coadjuvantes, pois o que choca neles de fato é a evidenciação de um problema social — o racismo — como algo normalizado e enraizado no dia a dia (fora da tela), questionando nossa visão do que deveria ser considerado insólito ou não. O que perturba mais: rituais macabros e casas mal-assombradas, ou a situação absurda em que de fato vive grande parte da sociedade? Assim, o insólito como crítica social coloca-se também como um insólito metarreflexivo, ironizando a si próprio (Costa, 2023, p. 91-92).

O insólito como crítica social se refere, portanto, ao cruzamento entre filmes do gênero de terror e problemas sociais contemporâneos. Como veremos adiante, *Bacurau* trabalha com elementos e situações reais de forma absurda e exagerada, utilizando o insólito como recurso narrativo.

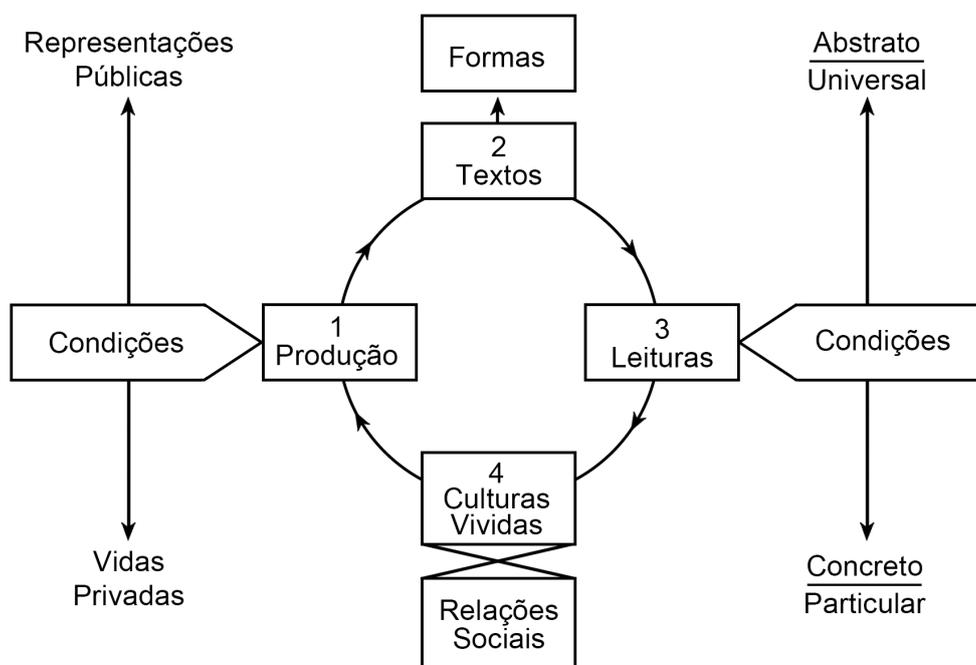
⁴ Conceito de Flávio Garcia (2012).

O Circuito de Cultura como procedimento teórico-metodológico

Ana Carolina Escosteguy (2008, p. 117) compreende o Circuito de Cultura como “um protocolo analítico que atende à integração dos diferentes elementos – produtores, textos e receptores – e momentos – produção, circulação e recepção/consumo – que configuram a totalidade do processo comunicativo”⁵. Tal protocolo foi proposto na década de 1980 por Richard Johnson, autor vinculado aos Estudos Culturais Britânicos.

O diagrama se baseia, em sua forma geral, no circuito de capital de Marx e foi pensado para servir “como um guia que apontasse quais seriam as orientações desejáveis de abordagens futuras ou de que forma elas poderiam ser modificadas ou combinadas” (Johnson, 2014, p. 23) na análise de diferentes aspectos ou momentos dos processos culturais.

Figura 1: Circuito de Cultura



Fonte: Johnson, 2014, p. 25. Reproduzido pela autoria da pesquisa.

Assim como indicado, o circuito é composto de quatro eixos ou momentos principais: produção, texto, leituras e culturas vividas. Para o momento da produção, devemos considerar as condições especificamente culturais deste, incluindo as condições especificamente capitalistas dessa fase do processo cultural, entretanto, é preciso se atentar para que a análise não recaia somente sobre esses aspectos materiais, pois a produção em muito dialoga com as culturas vividas:

A produção cultural é, muito comumente, assimilada ao modelo da produção capitalista em geral, sem que se dê uma atenção suficiente à natureza dual do

⁵ A autora também identifica a mesma proposição nos trabalhos de Stuart Hall e Jesús Martín-Barbero (Escosteguy, 2008).

circuito das mercadorias culturais. As condições de produção incluem não apenas os meios materiais de produção e a organização capitalista do trabalho, mas um estoque de elementos culturais já existentes, extraídos do reservatório da cultura vivida ou dos campos já públicos de discurso. Este material bruto é estruturado não apenas pelos imperativos da produção capitalista (isto é, mercantilizados), mas também pelos efeitos indiretos das relações sociais capitalistas e de outras relações sociais sobre as regras da linguagem e do discurso existentes (Johnson, 2014, p. 40).

Este eixo envolve movimentos entre o público e o privado, na seta das condições à esquerda do diagrama. As formas privadas (vidas privadas) são mais concretas e particulares em seu escopo, enquanto as formas públicas (representações públicas) são abstratas e mais abrangentes:

Para exemplificar esses polos, consideramos que as ideias dos roteiros dos filmes de um cineasta em um primeiro momento integram a esfera privada e ficam restritas a ele ou a um grupo restrito de profissionais e artistas. Mas, à medida em que as ideias são colocadas no papel, os filmes começam a adquirir uma forma mais objetiva e mais pública, de modo que “A virada” ocorre “quando se tomou a decisão para ir adiante com “o conceito”, “tornando-o público” [...] (Junqueira; Satler, 2021, p. 86).

Adiante, temos o segundo momento, o texto. Neste eixo, a principal preocupação é com os produtos culturais e é comum que estes sejam tratados como “textos”. Conforme Escosteguy (2008, p. 121):

Situados no texto, observa-se um tratamento das formas simbólicas de modo abstrato, pois a atenção reside nos mecanismos pelos quais os significados são produzidos. Portanto, existe uma tendência à formalização, ao desaparecimento dos aspectos mais concretos da produção desses mesmos textos, negligenciando ainda a organização da instituição de onde se origina tal forma. Aqui, são identificadas as análises de caráter textual, discursivo e outras que se concentram somente no produto midiático.

Assim, o texto focaliza o produto resultante da etapa da produção. O eixo do texto ainda indica uma seta para as formas, compreendemos que elas dizem respeito tanto às formas subjetivas de vida quanto à “organização textual das formas culturais” (Johnson, 2014, p. 48). Este exemplo dado por Johnson elucida nossa assimilação:

Não existe melhor exemplo, talvez, dos limites de se tratar formas como o romance ou a épica como construções meramente *literárias*. Pelo contrário, elas estão entre as mais poderosas e onipresentes das categorias *sociais* ou formas *subjetivas*, especialmente em suas construções da feminilidade e da masculinidade convencionais. Os seres humanos vivem, amam, sofrem perdas e vão à luta e morrem por elas (Johnson, 2014, p. 49 e 50).

Ou seja, podemos pensar o romance como uma forma narrativa, mas que não se atém somente aos livros, filmes, novelas e outros produtos midiáticos, já que romance também pode ser uma forma subjetiva, que constrói significados na vida das pessoas.

No momento das leituras, de acordo com Escosteguy (2008, p. 121), “estamos atentos às práticas sociais de recepção, entendidas como um espaço de produção de sentido”. Johnson (2014) propõe que um *insight* crucial apresentado pela semiologia avançada é de que as narrativas ou imagens fornecem uma posição⁶ de partida para a leitura, que se torna ainda mais interessante ao pensarmos em imagens e filmes: “nós temos, agora, uma nova perspectiva a partir da qual podemos analisar o trabalho feito pela câmera: ela não se limita a apresentar um objeto; ela, na verdade, nos posiciona relativamente a ele” (Johnson, 2014, p. 63).

A partir dessa proposição é possível traçar relações entre mais de um eixo do Circuito da Cultura. Pensando especificamente no cinema, a câmera é operada a partir das decisões de quem dirige o filme, que se torna o produto apresentado ao espectador, mas, ainda que a produção posicione o leitor diante do texto, “nós não podemos predizer essas leituras a partir de nossa própria análise ou, na verdade, a partir das condições de produção” (Johnson, 2014, p. 24), pois, assim como a produção, o momento de leitura também envolve movimentos entre o público e o privado.

O último momento é o das culturas vividas, ou meios sociais particulares. Elas carregam conjuntos ativos de elementos culturais que são como um reservatório de discursos e significados e as relações sociais das quais essas combinações dependem (Johnson, 2014).

Na composição do circuito da cultura, Johnson (1999) aponta, ainda, a existência das culturas vividas ou o meio social onde estão em circulação elementos culturais ativos que pautam tanto o espaço da produção como o das leituras. O problema quando o pesquisador se instala nesse espaço é tornar-se condescendente com a cultura estudada, enfatizando sua criatividade. Daí a necessidade de observar a conexão entre as práticas de grupos sociais e os textos que estão em circulação, realizando uma análise sócio-histórica de elementos culturais que estejam ativos em meios sociais particulares (Escosteguy, 2008, p. 121).

Compreendemos que, apesar de aparecerem como o quarto eixo, as culturas vividas transitam em todos os momentos do circuito, já que são imprescindíveis para o desenrolar da produção e da obra, como veremos a seguir, além de terem meios de afetar o modo como o produto cultural é interpretado, tanto pela crítica quanto pelo público geral. Assim como abordado por Escosteguy (2008), um caminho adequado para pensar as culturas vividas é através de uma análise sócio-histórica, mobilizando então o contexto e os elementos culturais ativos no meio social.

As culturas vividas e a construção do roteiro

Neste tópico, a análise parte das relações entre os momentos das culturas vividas, produção e texto. Para Johnson (2014, p. 78), “no estudo do momento da produção podemos antecipar os outros aspectos do processo mais amplo e preparar o terreno para uma análise mais adequada”, portanto, nosso ponto de partida para a análise é o eixo da produção.

⁶ “Embora o conceito de ‘posição’ continue problemático (trata-se de um conjunto de competências culturais ou, como o termo implica, alguma ‘sujeição’ necessária ao texto?) [...]” (Johnson, 2014, p. 63).

Para Chris Rodrigues (2007, p. 67) “a produção de um filme se refere a tudo que envolve fazer um filme, incluindo seu planejamento e captação dos recursos”. O autor propõe um fluxograma com diversas fases da produção, desde a escrita do roteiro e a captação de recursos e preparação até a pré-produção, filmagem, pós-produção e finalização (Rodrigues, 2007).

Segundo o autor, uma produção audiovisual tem início “a partir de um roteiro lido e aprovado pelo produtor” (idem, p. 105). Contudo, *Bacurau* começa a surgir dez anos antes de seu lançamento, após a recepção do público na exibição do curta-metragem *Recife Frio*, no Festival de Brasília.

Bacurau surgiu da experiência que tivemos ao exibir pela primeira vez no Festival de Brasília, em novembro de 2009, o curta-metragem *Recife frio*. Ambientado “daqui a alguns anos...”, *Recife frio* me agradou bastante como reação, por ser uma ficção científica sobre mudança climática, mas que termina com um número musical com a grande Lia de Itamaracá⁷. A reação do público em Brasília deixou em nós, que o realizamos (durante quase três anos com um orçamento ínfimo), um sabor profundamente inspirador para *Bacurau*. Era um retrato da realidade, borrada pelo cinema de gênero (Mendonça Filho, 2020, p. 17, grifo nosso).

No relato acima, que aparece no livro lançado por Kleber Mendonça Filho, o diretor destaca dois pontos cruciais: a relação de sua obra com as culturas vividas (Johnson, 2014) e o uso do cinema de gênero como alegoria para a realidade, assunto ao qual retomaremos adiante. Ainda na citação anterior, Mendonça não se coloca sozinho, falando sempre na primeira pessoa do plural, se referindo também a seus parceiros, Emilie Lesclaux e Juliano Dornelles.

A parceria do trio é antiga; juntos, trabalharam em produções que dialogam com questões políticas e sociais do Brasil e do Nordeste⁸, região onde nasceram Kleber e Juliano. Eles assinam obras como *Eletrodoméstica* (2005), *Recife Frio* (2009), *O som ao redor* (2012) e *Aquarius* (2016), na maioria dos quais Lesclaux foi produtora, Dornelles diretor de arte e Mendonça Filho roteirista e diretor.

Para Johnson, “já no momento da produção, nós esperávamos encontrar relações mais ou menos íntimas com a cultura vivida de grupos sociais particulares, nem que seja apenas a dos

⁷ É bastante simbólico que Lia de Itamaracá seja a intérprete de Dona Carmelita, pois a artista faz o encerramento de *Recife Frio*, curta que viabilizou a criação de *Bacurau*. Lia, cirandeira, em 2005 recebeu o título de Patrimônio Vivo de Pernambuco e em 2019, aos 75 anos recebeu o título de Doutora Honoris Causa da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Carmelita, a matriarca de *Bacurau* é interpretada por uma pessoa significativa para a cultura nordestina, e sua relevância é importante para o ponto de vista da produção: as relações e visibilidade que Lia construiu no universo da cultura nordestina carregam significados para a obra e também colaboram com sua circulação.

⁸ Temos novamente a relação com as culturas vividas, ao pensar os roteiros dos três longas ficcionais de Mendonça Filho. Ismail Xavier (2020) percebe que os três têm como tema comum “a questão da violência em suas distintas formas” (Xavier, 2020, p. 21). Para Xavier, *O Som ao Redor* dialoga com a violência nas grandes cidades e com “[...] uma outra violência, que tem como raiz a formação histórica do Brasil” (Xavier, 2020, p. 22). Já em *Aquarius*, a violência “[...] aparece em função do fenômeno da verticalização nas edificações na orla marítima do Recife, semelhante a outros casos pelo Brasil afora nas grandes cidades litorâneas [...]” (idem p. 23). E, por fim, em *Bacurau*, a violência é “extrema e arbitrária”; o grupo de estrangeiros é reconhecido como “protagonistas de uma parábola do absurdo” (idem, p. 24).

produtores. Os elementos discursivos ideológicos seriam usados a partir daí” (2014, p. 78). Assim, ao pensarmos sobre aspectos das vidas privadas (Johnson, 2014) dos diretores e como estas aparecem no texto (Johnson, 2014), neste caso filme, podemos compreender mais das conexões entre os momentos/eixos do circuito.

De modo geral, podemos afirmar que os diretores⁹ são bastante engajados nas redes sociais¹⁰, para falar sobre questões políticas do País. Além disso, aproveitam espaços de visibilidade para se manifestar, como por exemplo a ação no tapete vermelho do Festival de Cannes em 2016, quando o longa *Aquarius* concorreu à Palma de Ouro. No evento, a equipe do filme levantou cartazes se manifestando contra o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff.

Figura 2: Equipe de *Aquarius* protesta em Cannes¹¹



Fonte: REUTERS/Jean-Paul Pelissier, disponível no site do G1¹² (2016).

O processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma teve início em dezembro de 2015, a pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, sob a alegação de crime de responsabilidade das “pedaladas fiscais”¹³ e pela edição de decretos de abertura e de crédito sem autorização do Congresso. O prosseguimento do pedido foi feito por Eduardo Cunha, na época presidente da Câmara dos Deputados, e o caso se encerrou no dia 31 de agosto de 2016, quando a então presidente teve seu mandato cassado, sem a perda dos direitos políticos, sendo substituída por seu vice Michel Temer. Ainda em 2016, o relatório da perícia feita pelos técnicos do Senado

⁹ Nos concentraremos em Juliano e Kleber, uma vez que foram eles que escreveram e dirigiram *Bacurau*.

¹⁰ Verificamos algumas publicações no Instagram e no X, antigo Twitter.

¹¹ “Um golpe ocorreu no Brasil’, ‘Resistiremos’ e ‘Brasil não é mais uma democracia’ eram alguns dos cartazes que o cineasta e sua equipe seguravam no tapete vermelho, antes de voltar a se manifestar ao grito ‘Fora!’ na sala do Grande Teatro Lumiere, minutos antes da projeção” (Equipe, 2016, s/p).

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2016/05/equipe-de-aquarius-protesta-em-cannes-contrainpeachment-de-dilma.html>. Acesso em: 19 dez. 2023.

¹³ Explicação: “a ‘pedalada fiscal’ se refere à prática do Tesouro Nacional de atrasar, de maneira proposital, o repasse de dinheiro para bancos – públicos e privados – e autarquias, como o INSS”. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/es-tadao-verifica/entenda-por-que-o-trf-1-arquivou-a-acao-contra-dilma-por-pedaladas-fiscais>. Acesso em: 19 dez. 2023.

apontou que não havia indícios do envolvimento de Rousseff com as “pedaladas”; em 2022, o Tribunal Regional Federal da 1ª Região manteve o arquivamento da ação de improbidade administrativa contra a ex-presidente por conta das pedaladas fiscais. A decisão foi mantida em 2023¹⁴.

O período do *impeachment* foi marcado pelo discurso de ódio e por ataques misóginos a Dilma Rousseff, e acabou sendo definido como golpe de estado pelo Tribunal Internacional Pela Democracia¹⁵, que indicou ausência de crime no princípio de crime de responsabilidade, que seria a base para o processo. Portanto, para muitos, incluindo Kleber Mendonça Filho, o *impeachment* foi um golpe, um ato antidemocrático.

Filmes e livros podem ser escritos em isolamento. Não foi esse o caso de *Bacurau*. Estávamos conectados, lendo a imprensa na internet, assistindo a vídeos no YouTube, no Instagram, vendo as pessoas reagirem ao mundo nas redes sociais. [...] No Brasil do Golpe e da ascensão da extrema direita que marcou os últimos anos de escrita de *Bacurau*, o tom de cinismo e sacanagem presentes na água e no ar havia chegado a níveis impensáveis. O conceito de “subida de tom” era estarrecedor na vida real cidadã, mas como escritor parecia libertador, pedia um desafio (Mendonça Filho, 2020, p. 18).

Ainda sobre a inspiração para a escrita dos roteiros, os diretores comentam:

Kleber Mendonça Filho: [...] Outro aspecto importante é o mundo e o Brasil no qual a obra é lançada. Meus filmes surgem sempre do país como inspiração, num movimento de fora para dentro, e isso inclui também *O Som ao Redor*, *Aquarius* e meus curtas-metragens. A vida no país é uma base para os filmes, e *Bacurau* não é diferente, especialmente pelo fato de se passar daqui a alguns anos, no futuro. Juliano Dornelles: Estar no Brasil hoje e tentar trabalhar com cultura normalmente é cada vez mais difícil. Lançar *Bacurau* em meio a isso é também uma incógnita para mim. O que sei é que o impacto que o filme causa vem sendo muito poderoso, mais forte para quem entende o funcionamento do país e ainda mais para quem é de fato brasileiro. *Bacurau* é, no fim das contas, um filme sobre o Brasil e espero que o interesse por ele aumente a cada dia. [...] (Dornelles; Mendonça Filho, 2019, s/p).

Assim, a narrativa foi sendo construída diante de um contexto sociopolítico absurdo e, em alguns aspectos, acaba retratando essa realidade. O roteiro de *Bacurau* foi escrito em um esforço conjunto pelos diretores durante um período de quase oito anos e, na estreia do filme em Cannes,

¹⁴ Disponível em: [https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil#:~:text=O%20processo%20de%20impeachment%20de,Reale%20J%C3%BAnior%20e%20Jana%C3%ADna%20Paschoal](https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil#:~:text=O%20processo%20de%20impeachment%20de,Reale%20J%C3%BAnior%20e%20Jana%C3%ADna%20Paschoal;); <https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/06/pericia-ve-acao-de-dilma-e-m-decretos-mas-nao-identifica-nas-pedaladas.html>; <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/entenda-por-que-o-trf-1-arquivou-a-acao-contra-dilma-por-pedaladas-fiscais> e <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/22/trf-1-ma-ntem-arquivado-processo-contra-dilma-rousseff-pelas-pedaladas-fiscais.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2023.

¹⁵ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/impeachment-de-dilma-e-golpe-de-estado-determina-tribunal-internacional-pela-democracia/363807305>. Acesso em: 19 dez. 2023.

Mendonça Filho disse em entrevista que não haveria protesto, pois o filme seria uma resposta suficiente ao contexto brasileiro da época, apontado por ele como distópico.

O longa foi lançado logo após as eleições de 2018, que elegeram Jair Bolsonaro à presidência do Brasil, um mandato marcado pela apologia às armas e pelo desmonte da cultura, iniciado em 2016 com a extinção do Ministério da Cultura durante o governo de Michel Temer e recriado pouco tempo depois por conta dos protestos lançados em todo o país. O Minc foi mais uma vez extinto durante o governo de Jair Bolsonaro, que inclusive promoveu diversos desafios ao cinema brasileiro com restrições propostas à Agência Nacional do Cinema (Ancine). Podemos pensar no Museu Histórico de Bacurau como espaço simbólico de resistência da cultura.

Apesar de toda a relação com a conjuntura política do Brasil dos anos anteriores ao lançamento, Kleber Mendonça Filho afirma que não tinha a intenção de fazer um filme político:

[Pergunta] Nos fim das sessões de *Bacurau* é comum ouvir gritos de “Lula livre” e xingamentos a Jair Bolsonaro. O senhor previa esse tipo de reação? [Resposta] Nunca acordei e pensei: “Hoje vou fazer um filme político”. Agora, minha ambição é produzir uma obra honesta, que retrate a vida ao meu redor, as pessoas que eu conheço, o funcionamento das coisas no país onde moro. *Bacurau* se ancora em uma ideia muito palpável de Brasil, e entendo que isso abra espaço para que seja visto como uma película política. Sinceramente, acho que deve dar muito trabalho criar um filme no qual você se desprenda da sociedade em que está. Essa forma esterilizada de fazer cinema existe, mas não é a minha. O engraçado é que eu cresci achando que filme político era gravado em prédios de governo. Fui compreendendo que pode também se passar dentro de uma cozinha, por que não? É nesse rol que me situo (Mendonça Filho, 2019, s/p).

124

O meio social é afirmado, de forma constante, como espaço de inspiração para o fazer fílmico. Mendonça Filho compreende que seus filmes estão inseridos e dialogam com a sociedade. Retomamos aqui um trecho da entrevista dos diretores para o *GQ Globo*, onde o diretor comenta que os artistas brasileiros têm farto material, proveniente da conjuntura vivida, de inspiração para produzir.

Kleber Mendonça Filho: O Brasil vive um momento de incertezas a partir do momento em que a sociedade e a política passa a se comportar de forma não democrática. A cultura apenas deverá refletir fielmente essa turbulência. Creio que os artistas e observadores do Brasil terão farto material para inspiração ao olhar para esse país. Toda vez que há uma quebra moral na sociedade, há um processo doloroso e complexo que é transformado em terreno fértil.

Juliano Dornelles: [...] O papel de cada um é não deixar que ele [o fascismo] se instale novamente, cada um fazendo o que sabe melhor, exaltando as diferenças e brigando pela liberdade. Acho que um caminho bom para essa luta é o caminho do reconhecimento e valorização da história e da memória. *Bacurau* tem essa mensagem, que nós precisamos lembrar do que nossas gerações passadas já viveram para que não precisemos repetir esses ciclos de violência e sofrimento (Dornelles; Mendonça Filho, 2019, s/p).

Dornelles afirma que, diante daquele contexto, o papel de cada um é fazer o que sabe melhor para que o fascismo não se instale novamente. Para ele, um caminho viável é o da valorização da história e da memória. Kleber e ele, como diretores e roteiristas - fazendo o que sabem melhor - fizeram *Bacurau*, que propõe essa mensagem de reconhecimento e valorização da história e da memória, seja por meio do museu ou dos próprios personagens.

Aspectos do insólito como exacerbação da realidade absurda e seus paralelos com a política brasileira

Neste tópico, guiaremos nossa discussão a partir da categoria texto, com foco específico nas cenas em que o prefeito Tony Jr. vai até *Bacurau*. Johnson (2014) nos indica que devemos descentrar o “texto” como um objeto de estudo e tratá-lo como meio ou um material bruto a partir do qual certas formas podem ser abstraídas, devemos estudá-lo pelas formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e/ou disponibiliza.

No dia seguinte, após a chegada de Teresa em *Bacurau* e do velório de dona Carmelita, o espectador é introduzido ao cotidiano local, que logo é interrompido pela mensagem de voz de Darlene, que mora com seus companheiros na entrada do povoado.

Por volta de 30 minutos de filme que somos apresentados a uma primeira espécie de antagonista no filme: Tony Jr. O filme revela Tony Jr. como um personagem antagonista de *Bacurau*, no momento em que ele aparece, toda *Bacurau* se recolhe para dentro de suas casas e o ignora. Tony Jr. representa para o filme as instituições político-partidárias ou o governo, um governo distante do povo, voltado apenas para seus interesses próprios. E o filme sustenta essa ideia de diferentes maneiras. Tony Jr. é acompanhado de algumas pessoas com vestimentas associadas a evangélicos, que o entregam uma maquininha de coleta de retina, maneira de sufrágio do universo fílmico de *Bacurau*. Em um plano aberto, Tony Jr. é mostrado totalmente isolado da comunidade de *Bacurau*, totalmente apartado. [...] Tony Jr. é tratado como um dos antagonistas, mas não aparece como uma ameaça a *Bacurau*, pelo contrário, aparece em tom jocoso, a comunidade o recusa e escolhe deixá-lo falando sozinho. Soma-se isso a parte do jingle: “caminhando no meio do povo”, o contraste entre a expectativa do jingle de Tony Jr. e a realidade em *Bacurau* torna a cena ainda mais engraçada. Nossa hipótese de que Tony é um personagem presente na narrativa para representar o descaso do governo com *Bacurau* e a descrença da comunidade nas instituições, além de ser parte do conflito final da história, vai se construindo por meio do filme na medida em que o filme apresenta elementos como o motivo da recusa de *Bacurau* a Tony Jr., revelado quando ele promete resolver a “bronca da água”, como a maneira que o personagem entrega os livros à escola, jogados como se fossem lixo, revela um descaso e descrédito na educação (Oliveira Júnior, 2021, p. 104 e 105).

Conforme Francisco Alves de Oliveira Júnior (2021), à medida que o prefeito se aproxima, toda a população abandona seus afazeres e deixa a rua principal vazia, Tony Jr. se vê sozinho em *Bacurau* com sua equipe enquanto seu jingle toca em volume elevado.

Em seu perfil do X/Twitter, Kleber Mendonça Filho compartilhou um registro das filmagens¹⁶ de Tony Jr. com a legenda: “Faz bem PSDB ou PSB!” - Hoje 4 anos atrás rodávamos @thardellylima e seu Tony Jr. fazendo munganga¹⁷ de político pra usar no telão de vídeo do trio elétrico de *Bacurau*. Filmes são muito engraçados, muitas vezes¹⁸. A orientação dos diretores para o ator Thardelly Lima foi se inspirar em poses de políticos caricatos dos partidos PSDB, Partido da Social Democracia Brasileira, e PSB, Partido Socialista Brasileiro.

A intenção do personagem é fazer uma movimentação na sua campanha de reeleição para prefeito, sua equipe carrega uma máquina de coleta de retinas e alguns donativos¹⁹; um deles é um caminhão abarrotado de livros velhos e alguns até estragados, que ele manda derrubar na frente da escola “como se fossem lixo” (Oliveira Júnior, 2021, p. 105). Toda essa cena remete ao descaso com a educação brasileira, como a reforma que gerou a implantação do novo ensino médio²⁰, vigente desde 2022, iniciada por Michel Temer em 2017²¹.

Ao insistir para que os moradores apareçam, o prefeito promete que resolverá o problema da água²² e, ao notar que não obterá sucesso, resolve ir embora levando Sandra, uma das garotas de programa, contra sua vontade. Nesse momento ele é ameaçado por Domingas, que diz: “Se ela voltar machucada, eu corto teu pau e dou pras galinhas”, enquanto Tony Jr. ri em deboche, demonstrando que, apesar dos protestos dos moradores, seu status de político ainda lhe confere um lugar de poder diante dos moradores de *Bacurau*.

Quando anoitece, toda Bacurau se reúne sob a liderança de Plínio e Domingas para tratar de assuntos pertinentes ao coletivo: os “donativos” entregues por Tony Jr. e a mala de medicamentos e vacinas levada por Teresa, que reabasteceram o posto de saúde. Enquanto o candidato levou, além dos livros em más condições, alimentos vencidos e uma grande quantidade do medicamento Prazol 4, um remédio tarja preta que fora distribuído sem prescrição médica. De acordo com Domingas,

¹⁶ “Devemos examinar, naturalmente, as formas culturais do ponto de vista de sua produção. Isto deve incluir as condições e os meios de produção, especialmente em seus aspectos subjetivos e culturais. Em minha opinião, deve incluir descrições e análises também do momento real da própria produção - o trabalho de produção e seus aspectos subjetivos e objetivos. Não podemos estar perpetuamente discutindo as “condições”, sem nunca discutir os atos!” (Johnson, 2014, p. 46).

¹⁷ A palavra munganga pode ser compreendida como caretas ou trejeitos.

¹⁸ Kleber Mendonça Filho via X/Twitter, disponível em: <https://x.com/kmendoncafilho/status/1503318905875484673?t=zLPha1AEGT5RfqNVigqH4Q&s=08>. Acesso em: 14 out. 2024.

¹⁹ Numa tentativa falhada de “comprar” votos da população.

²⁰ Ver: <https://revistagalileu.globo.com/sociedade/educacao/noticia/2023/04/novo-ensino-medio-entenda-as-3-principais-criticas-ao-modelo.ghtml>.

²¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/temer-sanciona-a-medida-provisoria-da-reforma-do-ensino-medio.ghtml>.

²² No início do filme, Erivaldo leva Teresa a um bloqueio no rio que impede a chegada da água a *Bacurau*.

O Prazol 4 é um inibidor do humor e do comportamento só que disfarçado de um analgésico forte. É um remédio construído no Brasil inteiro, por milhões de pessoas e, não me pergunte por que, em forma de supositório que é o que mais vende. Faz mal, vicia e deixa a pessoa lesa. A caixa tá aqui, quem quiser pegue, mas o recado tá dado... (*Bacurau*, 2019).

Estas cenas reiteram constantemente o quanto a população de *Bacurau* é invisibilizada e intencionalmente prejudicada pelo poder público, o político local aparece em época de reeleição fazendo a entrega de alimentos fora do prazo de validade, com uma medicação sem prescrição que “deixa a pessoa lesa” e tratando a educação local, levada com enorme responsabilidade pelos membros da comunidade, com total descaso. Em nenhum momento Tony Jr. se preocupou em visitar o ambulatório local e verificar a questão das vacinas e ainda incentivou o consumo de medicação de forma descontrolada. Assim como Jair Bolsonaro que, durante a pandemia de Covid-19 em 2020, fez declarações contra a vacinação e apoiava o uso de medicamentos sem comprovação científica²³. Compreendemos que mesmo depois de seu lançamento, *Bacurau* continuou dialogando com os absurdos da política no Brasil.

O segundo momento em que Tony Jr. aparece já é no final do filme; após toda a ação contra o grupo de estrangeiros, vemos a caminhonete do prefeito e uma *van*, com o interior de aparência bastante confortável e equipada com garrafinhas d’água. Tony Jr. se mostra desconfiado com toda a situação, anda lentamente em meio a população e pergunta pelos “gringos”. O povo de *Bacurau* finalmente compreende melhor o motivo daqueles remédios tarja preta e começa a cercar o prefeito, que logo vê as cabeças do grupo de estrangeiros²⁴ na calçada da igreja e vai ficando cada vez mais tenso, enquanto Pacote parece se divertir com o desespero do político.

Tony Jr. então pergunta se a população está precisando de algo, comida ou remédio e diz que aqueles estrangeiros são pessoas importantes, que toda aquela situação irá reverberar nele e em *Bacurau*. Diante do desespero, ele abandona a estratégia de oferecer ajuda, apela para uma possível consequência e logo tenta se mostrar inocente, dizendo que não está envolvido na situação e busca o apoio de Plínio, que diz: “A gente tá sob um poderoso psicotrópico. E você vai morrer”.

As tentativas do prefeito são interrompidas por Michael, único estrangeiro vivo, que aparece aos gritos sob a mira de Galeguinho: “Tony! Amigo!”. Enquanto ele, num nervosismo crescente, diz que não conhece o estrangeiro. Michael continua a gritar por Tony e começa a falar “¡diñero!”, não deixando dúvidas sobre a participação de Tony Jr. na vinda daquele grupo perverso para *Bacurau*.

²³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/07/25/bolsonaro-acreditava-sinceramente-que-cloroquina-seria-eficaz-contr-a-covid-diz-vice-pgr.ghtml> e <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/05/03/bolsonaro-alvo-da-pf-relembre-declaracoes-do-ex-presidente-sobre-a-vacina-contr-a-covid.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2023.

²⁴ Como uma referência às cabeças dos cangaceiros da história do Nordeste brasileiro.

Figura 3: Publicação de Kleber Mendonça Filho

Fonte: Kleber Mendonça Filho via X/Twitter (2022), capturado pela autoria da pesquisa

Outra relação do filme com Jair Bolsonaro após o seu lançamento foi feita por Kleber Mendonça Filho em uma publicação no X/Twitter²⁵, como pode ser visto na figura 3. Ao publicar uma foto que comprova a relação entre Jair Bolsonaro e Roberto Jefferson, o diretor coloca como legenda “Tony! Diñero!”, traçando um paralelo com este momento do filme.

Em 23 de outubro de 2022 o ex-deputado federal do PTB atirou em dois policiais federais que cumpriam um mandado de prisão determinado por Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal, devido ao descumprimento de medidas cautelares²⁶. No dia anterior ao episódio, Jefferson fez um vídeo em ataque à ministra Cármen Lúcia, a comparando com uma prostituta²⁷.

Após toda essa situação absurda, Jair Bolsonaro, candidato à reeleição, repudiou o comportamento de Jefferson e tentou desvincular sua imagem do ex-deputado²⁸, fato que caiu por terra conforme matérias publicadas na época²⁹, resultando na publicação de Mendonça Filho, que

²⁵ Disponível em: <https://x.com/kmendoncafilho/status/1584290839026880512?t=m94UXfZmrcd-4cfbMX16aQ&s=08>. Acesso em: 14 out. 2024.

²⁶ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/23/bolsonaro-sobre-roberto-jefferson-nao-tem-foto-dele-comigo-veja-fotos.htm>.

²⁷ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/21/roberto-jefferson-ataque-ministra-carmen-lucia.htm>.

²⁸ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/bolsonaro-impulsiona-anuncios-para-tentar-se-desvincular-de-roberto-jefferson>.

²⁹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/10/23/bolsonaro-sobre-roberto-jefferson-nao-tem-uma-foto-dele-comigo.htm>. e <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/23/bolsonaro-sobre-roberto-jefferson-nao-tem-foto-dele-comigo-veja-fotos.htm>.

associou a relação entre Michael e Tony Jr. Ambas as situações, a fictícia e a real, envolviam armas, violência, figuras políticas e a negação de uma suposta relação entre os envolvidos.

Por fim, retomando a narrativa, o destino do prefeito dado pela população é seguir para a caatinga amarrado em um jumento vestindo apenas a cueca e uma máscara de papangu³⁰ na cabeça, sob a narração de DJ Urso:

Parte agora, o prefeito do município de Serra Verde, senhor Tony Jr. em direção à caatinga de *Bacurau*. Que ele encontre lá a paz interior que tanto necessita em meio aos facheiro, gogó, mandacaru, favela, xique-xique, essas plantas que furam que se abracem gostosamente com seu corpo. Pai da mentira, angu-de-carço... Causou muita dor e sofrimento aqui para nossa comunidade. Nesse dia, a gente de *Bacurau* dá adeus a esse demônio, que ele não retorne nunca mais para essa terra aqui e que esse burrinho aí que tem que cumprir essa missão infeliz volte em paz e tranquilidade (*Bacurau*, 2019).

Michael, que assiste a cena, diz: “*So much violence*” (“Tanta violência”). Apesar de Tony Jr não ter tido o mesmo destino sanguinolento dos estrangeiros, ele foi sentenciado pela população ao sofrimento de passar pela caatinga, em meio aos cactos. O destino violento a figuras políticas também é encenado na realidade, como no caso de manifestações.

Figura 4: “Manifestantes ateam fogo a um boneco representando o presidente Jair Bolsonaro durante protesto contra bloqueios nas verbas da Educação em Brasília”³¹



Fonte: Pedro Ladeira/Folhapress. Disponível em reportagem da Veja (2019).

³⁰ A máscara de papangu faz outra relação com as culturas vividas. Ver: <https://g1.globo.com/pe/caruaru-regiao/noticia/2023/02/14/museu-do-papangu-conheca-a-historia-do-personagem-que-e-patrimonio-cultural-imaterial-de-pernambuco.html>.

³¹ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/ao-vivo-estudantes-e-professores-protestam-contras-cortes-na-educacao>.

Na imagem acima temos o registro de manifestantes que atearam fogo num boneco representando Jair Bolsonaro durante uma manifestação em Brasília contra os bloqueios nas verbas da educação, em 30 de maio de 2019. Compreendemos que este tipo de encenação é uma forma utilizada para manifestar a revolta diante de uma decisão que compromete o coletivo e o uso de bonecos representando figuras políticas tornou-se algo relativamente comum nos últimos anos³².

Por fim, como uma última consideração ao prefeito de *Bacurau*, que carrega “Jr” em seu nome, remetendo a uma ideia de que seu cargo na política seja fruto da influência de relações familiares³³, também não é distante da realidade, conforme o ator Thardelly Lima: “Venho de uma cidade do interior (Cajazeiras) onde também encontramos a rotatividade de poder dentro de uma mesma família [...]”³⁴. Em Pernambuco, estado onde nasceram Dornelles e Mendonça Filhos, temos o exemplo de João Campos, atual prefeito de Recife, considerado “herdeiro político”³⁵ devido ao histórico de sua família na política do estado. O partido de Campos, PSB, foi referência de direção para uma das cenas de Thardelly Lima, conforme apresentado anteriormente.

Considerações Finais

De modo geral, compreendemos que o insólito em *Bacurau* ocorre a partir de uma exacerbação da realidade considerada absurda, em um movimento de crítica social produzido pelos diretores. Entretanto, a obra não se resume somente a uma denúncia do contexto que ambos consideram absurdo, *Bacurau* também releva os posicionamentos políticos e estéticos, além de referências culturais e artísticas da dupla. Nesse mesmo período em que o filme foi produzido e lançado, houve outras obras que também dialogaram com questões políticas e sociais, no Brasil destacamos o documentário *Democracia em Vertigem* (2019), de Petra Costa, e em nível internacional temos os filmes de Jordan Peele, como *Corra* (2017) e o sul-coreano *Parasita* (2019), de Bong Joon Ho.

A partir da questão: “como o cenário sociopolítico brasileiro aparece em *Bacurau* (2019) a partir do personagem Tony Jr.?” apresentada na introdução, percebemos que as aparições do

³² Ver: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2024/06/23/mulheres-vaio-as-ruas-pelo-fim-do-pl-antiaborto-e-queimam-boneco-de-lira.htm>; <https://www.agazeta.com.br/economia/armado-com-fuzil-boneco-vampirao-e-queimado-em-protesto-contratemer-0318>; <https://oglobo.globo.com/politica/depois-de-serem-impedidos-pela-policiamanifestantes-sao-liberados-para-erguer-boneco-inflavel-em-protesto-contrabolsonaro-25033027> e https://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL9633-9356,00-BONECO+DE+BUSH+E+QUEIMADO+EM+BRASILIA.html.

³³ Ver: <https://www.brasildefatopb.com.br/2019/08/30/artistas-paraibanos-do-filme-bacurau-conversam-com-o-jornal-bdf>

³⁴ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2019/09/13/interna_pensar,1084752/o-que-tem-a-dizer-o-elenco-de-bacurau-o-filme-mais-comentado-do-ano.shtml.

³⁵ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/prefeito-e-herdeiro-politico-quem-e-joao-campos-o-namorado-de-tabata-amaral,40b973568075a6bf988c25e38a09543bfzgsq8or.html>.

político na narrativa trazem consigo uma série de aproximações com a realidade. O descaso com a saúde e a educação, a falta de compromisso com a população, o “mostrar serviço” próximo do período eleitoral e a tentativa absurda de “comprar” votos da população, com seus donativos sem serventia e a máquina que coleta retinas. Após se ver ignorado pelos moradores, Tony Jr. ainda usa seu poder para levar Sandra à força em sua caminhonete.

Já no final do filme a falta de compromisso de Tony Jr. com o bem-estar da população fica ainda mais evidente: ele vende *Bacurau* para o grupo de estrangeiros e ainda vai ao seu encontro com uma van e garrafas de água, afinal “eles são gente importante”, como o próprio diz aos moradores ao se deparar com as cabeças decapitadas na calçada. O destino de Tony Jr. pode ser pensado como a manifestação da revolta de Bacurau diante de todo o descaso por ele causado.

O filme é produzido também como um posicionamento dos diretores, diante dos acontecimentos políticos enfrentados pelo Brasil. Propomos que *Bacurau* seja uma alegoria para a cultura do absurdo e também para a resistência, para suscitar a valorização da cultura, da educação e da memória do nosso país. Dornelles e Mendonça Filho, além de representarem o contexto insólito de descaso, xenofobia, apologia às armas, violência, desmonte da educação e desvalorização da cultura, também trabalharam no filme elementos fundamentais de representatividade identitária, valorização das diferenças e um posicionamento que denota a necessidade de agir e evidencia a capacidade de agência da população, diante do absurdo.

Por último, compreendemos que ainda há uma série de relações que o filme propõe com a realidade que não conseguimos abranger no artigo, dessa forma, havendo a possibilidade de retorno à discussão das relações entre o insólito como crítica social em *Bacurau*. Um segundo ponto de extrema relevância que merece ser retomado em oportunidades futuras é a questão do insólito como macro-gênero, já que o filme propõe uma intrigante mescla de gêneros cinematográficos que inclusive contribuem na construção dos elementos absurdos. E, por fim, como outra possibilidade de retorno à pesquisa maior que analisou o filme inserido no Circuito de Cultura, um recorte interessante a ser desenvolvido é a percepção dos espectadores sobre os elementos insólitos no filme.

Referências

BACURAU. Direção de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2019. 132min.

COSTA, Cynthia Beatrice. Tendências do insólito no cinema atual. In: MARKENDORF, Marcio; SÁ, Daniel Serravalle de; DROZDOWSKA-BROERING, Izabela (org.). *Góticos: perspectivas contemporâneas*. Florianópolis: UFSC, 2023. p. 85-99. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/1234563/>

Goticos_Perspectivas%20contempor%C3%A2neas_4SEG.pdf?sequence=1#page=85. Acesso em: 1 set. 2023.

DORNELLES, Juliano; MENDONÇA FILHO, Kleber. “Bacurau’ opta por não fugir de questões políticas”: Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho debatem papel do Brasil em filme. [Entrevista concedida a] Janaina Pereira. **GO Globo**, 2019. Disponível em: <<https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2019/08/bacurau-op-ta-por-nao-fugir-de-questoes-politicas-juliano-dornelles-e-kleber-mendonca-filho-debatem-papel-do-brasil-em-filme.html>>. Acesso em: 21 dez. 2023;

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v. 4, n. 11, p. 115–135, 2008. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/111>. Acesso em: 9 out. 2024.

EQUIPE de ‘Aquarius’ protesta em Cannes contra impeachment de Dilma. **G1**, 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/cinema/noticia/2016/05/equipe-de-aquarius-protesta-em-cannes-contra-impeachment-de-dilma.html>>. Acesso em 19 dez. 2023.

GOMES, Ivan de Angelis. **Deleuze e o pensamento político do cinema: o caso Bacurau**. 120 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal Fluminense, 2021. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11520527. Acesso em: 2 jan. 2023.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. p.7-85.

JUNQUEIRA, Juliana; SATLER, Lara Lima. O cinema dentro de um circuito: A produção cinematográfica em diálogo com aspectos socioculturais. In: ROCHA, Cleomar; NASCIMENTO, Hugo A. D. do; SOARES, Fabrizzio Alphonsus Alves de Melo Nunes (orgs.). **Humanidades digitais** : performatividades na cultura digital. [Ebook] Goiânia: Cegraf UFG, 2021.100 p. Disponível em: <https://publica.ciar.ufg.br/ebooks/invencoes/livros/9/capitulos/c10.html>>. Acesso em 27 jan. 2023.

MENDONÇA FILHO, Kleber. **Três roteiros**: O som ao redor, Aquarius, Bacurau. 1. ed: Companhia das Letras, 2020.

OLIVEIRA JR, Francisco Alves de. Narrativas contra-hegemônicas: a sociologia e o cinema das imagens de resistência em Bacurau. 140 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal do Piauí, 2021. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/view/TrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11526661. Acesso em: 2 jan. 2023.

XAVIER, Ismail. Prefácio: Documentando Processos de criação. In: MENDONÇA FILHO, Kleber. **Três roteiros**: O som ao redor, Aquarius, Bacurau. 1. ed.: Companhia das Letras, 2020. p. 21-38.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. O insólito na literatura: perspectivas da narrativa fantástica. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert; KNAPP, Cristina Löff (org.). **O insólito na literatura**: olhares multidisciplinares. 1. ed. Caxias do Sul, RS: Educus, 2020. p. 18-36. Disponível em: <https://www.ucs.br/educus/arquivo/ebook/o-insolito-na-literatura-olhares-multidisciplinares/>. Acesso em: 7 dez. 2023.